

## EDUCAÇÃO PARA A FÉ COMPROMETIDA COM A TOTALIDADE DA VIDA HOJE<sup>1</sup>

Sherron K. George<sup>2</sup>

**Resumo:** Este ensaio aponta para uma educação integral que forma a fé comprometida e missionária. A partir de uma leitura do plano holístico de Deus em Efésios, este ensaio interpreta “cresçamos em tudo” como uma formação individual e comunitária, ecumênica e planetária da pessoa toda e da igreja toda no contexto de uma comunidade cristã inserida no contexto local e global. Ela ocorre o tempo todo e abrange a totalidade da vida: social, emocional, corporal, mental, espiritual e ecológica. A fé está a serviço e para o bem social da comunidade maior. A Bíblia ensina princípios e virtudes que levam à plenitude da fé comprometida. O conteúdo para uma catequese bíblica missionária inclui as seguintes virtudes: hospitalidade, convivência, respeito, tolerância, comensalidade e paz. A metodologia é da ação e reflexão crítica. A pedagogia é relacional, dialógica, vivencial e participativa.

**Palavras-chave:** Educação cristã integral. Formação individual e comunitária ecumênica e planetária. Igreja toda. Catequese bíblica missionária. Virtudes.

### *Education for a Faith Committed to the Totality of Life Today*

**Abstract:** This essay presents holistic education that forms a committed and missionary faith. On the basis of a reading of the total plan of God in Ephesians, this essay interprets “grow up in all things” as formation that is individual and community, ecumenical and planetary of the total person and the total church in the context of a Christian community immersed in the local and global context. It happens at all times and reaches the totality of life: social, emotional, corporal, mental, spiritual and ecological. Faith is at the service of and for the social welfare of the greater community. The Bible teaches principles and virtues that lead to the fullness of faith commitment. The content for a Biblical Missionary Catechesis includes the following virtues: hospitality, communion, respect, tolerance, commensality and peace. The methodology includes action and critical reflection. The pedagogy is relational, dialogical, and participatory.

**Keywords:** Holistic Christian education. Individual and community formation. Ecumenical and planetary education and mission. The whole church. Biblical Missionary Catechesis. Virtues.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi recebido em 24 de julho de 2008 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 12 de março de 2009.

<sup>2</sup> A autora é consultora em educação teológica na América do Sul representando a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, em Curitiba, PR. sherron@supernet.com.br

“Mas seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” (Ef 4.15)

Sabemos que o futuro da igreja e o futuro do Brasil dependem da qualidade da educação que oferecemos. Pela sua natureza, a igreja é ensinadora e missionária. Por isso é mister levarmos muito a sério o imperativo que “cresçamos em tudo”. Quando Jesus chama homens, mulheres, jovens e crianças para segui-lo, para serem batizados na comunidade cristã e tornar-se suas discípulas e discípulos, é um convite e uma responsabilidade que dura a vida toda. O batismo implica um crescimento integral, um desenvolvimento total, uma edificação contínua, uma missão abrangente.

“Cresçamos em tudo”. Para nós na igreja o que significa “em tudo”? No grego é “*ta panta*”, ou em todas as coisas, uma expressão cara em Efésios. Esse versículo já nos dá umas ideias. “Seguindo a verdade em amor.” Há dois componentes essenciais no ensino: a verdade – o conteúdo, o racional, o objetivo; e o amor – o afetivo, o relacional, o subjetivo. Não há verdadeiro ensino se falta um dos elementos. Verdade sem amor é ortodoxia sem caráter. Amor sem verdade é sentimentalismo sem balizas. “Seguindo a verdade” no grego é uma palavra só, um verbo – “verdadindo” ou “praticando a verdade”. Ou seja, verdade não é só um conhecimento intelectual, cognitivo, é algo que vivemos, que praticamos em amor. Precisamos equilibrar esses dois componentes em nosso ensino: a verdade ensinada e vivida em amor.

“Mas seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.” Temos uma referência, uma direção, uma meta. Discípulas e discípulos de Cristo crescem em todas as áreas da vida em união com seu Mestre, com seu Senhor, com a cabeça da igreja e do universo. Por isso é educação cristã.

A partir desse versículo e da Epístola aos Efésios, quero propor a:

• Formação/edificação integral: individual e comunitária, ecumênica e planetária

- Da pessoa toda e da (e pela) igreja toda – no contexto da comunidade de fé
- No tempo todo – vivência da fé – ensino formal, não-formal e informal
- Para a totalidade da vida: social, emocional, corporal, intelectual, espiritual
- Para o mundo todo: serviço, missão e bem social

Cristo chama-nos pessoal e individualmente, mas nos chama para integrar uma comunidade de fé local e mundial. Thomas Groome afirma que nos tornamos cristãos e cristãs juntos e juntas. O batismo integra-nos em Cristo e em seu corpo. Por isso, indivíduos precisam da comunidade de fé local para seu crescimento integral, e a igreja toda também precisa crescer e amadurecer como um todo. Para a comunidade de fé local crescer, ela precisa inserir-se no seu contexto local e também participar e intercambiar no contexto maior, ou seja, para que a formação seja integral, é necessário que ela seja ecumênica e planetária. Leonardo Boff demonstra isso em seu livro *Civilização Planetária*. Eu acrescentaria que a fé comprometida é missionária.

A edificação individual e comunitária prepara e equipa a igreja e o cristão para participar na missão de Deus no mundo. Bonhoeffer disse que a igreja é a única entidade que não existe para si mesma, mas para as outras pessoas fora dela, ou seja, para o mundo. Educação cristã está sempre a serviço e para o bem social da comunidade maior. A missão discipuladora de Jesus vai além da evangelização, pois conduz à transformação integral da pessoa e do mundo.

Em seu excelente ensaio “Edificação de comunidade”, Martin Volkmann, da EST, brinda-nos com a fundamentação bíblica do termo, “edificação” (*oikodomé/oikodomein*). Ele mostra como, na perspectiva ecumênica, se entende que a igreja existe para o mundo, a igreja por natureza é missionária.

O subtítulo do meu livro *Igreja Ensinadora* é significativo: “Fundamentos Bíblico-Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã”. Para mim, prioritário na educação e também na missão é sua base ou arcabouço bíblico-teológico. Uma teologia libertadora anda junto com uma pedagogia conscientizadora. Quero ir além do que coloco no livro e fundamentar todo o processo de formação e edificação integral na igreja, que é individual e comunitária, ecumênica, missionária e planetária, a partir de uma visão holística do plano de Deus apresentado em Efésios.

## 1. Fundamentação bíblica e teológica

Ef 1.10, 22, 23 – No grandioso plano redentor do Deus trino, percebemos a ação divina: “desvendando-nos o mistério da sua vontade [...] de fazer convergir em Cristo, na plenitude dos tempos, todas as coisas (*ta panta*), tanto as do céu com as da terra”. Participamos com pé no chão brasileiro do projeto salvífico de Deus com uma perspectiva cósmica e integral. Sua ação abrange a pessoa toda e o universo todo, em amor. Deus, o Soberano Criador, “pôs todas as coisas (*panta*) debaixo dos pés de Jesus Cristo nosso Senhor, e para ser o cabeça sobre todas as coisas (*panta*), o deus à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude (*pleroma*) daquele que a tudo (*ta panta*) enche (*pleromenou*) em todas as coisas (*en pasin*)”. O projeto missionário de Deus tem uma igreja. Nosso ponto de referência e modelo no crescimento e na missão é Cristo. Deus está enchendo, completando, moldando cada pessoa, a igreja e o universo. Nossa educação faz parte desse plano divino que proporciona a vida plena gratuitamente.

Ef 3.16-19 – A oração no capítulo 3 mostra que os relacionamentos de amor são centrais no ensino cristão, na pedagogia e na vida. Informações ou verdades não são suficientes, mas devemos estar “arraigados e alicerçados em amor”. Contudo, a única maneira de compreender “a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” é junto com a ajuda de “todos (*pasin*) os santos e santas”, ou seja, todas e todos os cristãos. Enfim, precisamos de uma edificação ecumênica que é a globalização do amor e da solidariedade e não uma globalização competitiva e excludora. Temos muito a aprender uns dos outros. No ensino amoroso, seremos “tomados de toda a

plenitude (*pleroma*) de Deus”, a meta de nossa existência individual e planetária, a vida plena.

Ef 4.1-6 – Os seis primeiros versos de Efésios 6 mostram que a prática do amor e do respeito cristão é a única maneira de “preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”. Se há um corpo com uma só fé e um só batismo, como membros desse corpo temos que entender e vivenciar nossa fé cristã e entender e vivenciar as implicações de nosso batismo. A fé comprometida é a fé vivida, praticada, encarnada dentro e fora da igreja em todos os lugares em todo o tempo. Participamos de uma congregação local, de uma denominação nacional e também de um corpo global e católico. Confessamos uma fé presbiteriana ou luterana e também uma fé cristã ecumênica mundial. A unidade ecumênica não aniquila a identidade. Fomos batizados conforme os rituais de uma determinada paróquia local e de uma denominação e somos um com todos os batizados/as com água em nome do Pai, Filho e Espírito Santo.

Ef 4.7, 11 – A edificação na fé é comunitária e precisa de uma comunidade de fé, mas também é pessoal e individual. “E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo.” Cada um e cada uma no corpo de Cristo professam e praticam sua fé e recebem e desenvolvem seus dons e ministérios. Cada um é responsável pelos seus atos e pelo uso de seus talentos. Cada cristão e cada cristã têm um chamado, uma função, uma contribuição, um ministério, conforme seus dons e as necessidades e oportunidades.

Ef 4.12, 13 – A finalidade dos dons espirituais e talentos é “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos/as para o desempenho do seu serviço/ministério (*diakonia*) para a edificação do corpo de Cristo”. Educamos para servir. Há um círculo: educação – missão – educação – missão, que nos lembra do círculo reflexão – práxis – reflexão – práxis. A educação está a serviço da missão de Deus no mundo. A reflexão está a serviço da ação missionária planetária. A fé comprometida e comunitária está sempre a serviço da missão integral. Entendo a missão integral como evangelismo, diaconia e justiça social. A finalidade da educação cristã é de preparar todos os membros da igreja para servir, testemunhar e transformar o mundo e a sociedade. A fé comprometida é uma fé engajada, ativa, missionária.

Ef 4.15, 16 – “Mas seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”. Como conseguimos o crescimento em tudo de todo o corpo, ou seja, o crescimento corporativo? Depende do auxílio, da cooperação de cada membro em sua função. Todos e todas ensinam de uma maneira ou outra. Depende também do ajuste ou do relacionamento e organização entre os membros da igreja, da sintonia, da sinergia. As juntas no corpo conectam os diversos membros. Quem são as juntas na sua igreja local e na denominação que conectam as diversas faixas etárias, os diversos ministérios, os diversos estilos de louvor? São peças essenciais. E tudo começa e termina em amor. Não há nada mais

fundamental na fé cristã, na igreja, na educação, no mundo do que a autêntica prática do amor de Deus.

## 2. Conteúdo – princípios, valores e virtudes bíblicos

Qual é o conteúdo da educação cristã para a fé comprometida hoje? Proponho uma catequese bíblica missionária engajada a partir da realidade, da perspectiva e da hermenêutica latino-americana. A fonte primária de nossa fé é a Bíblia. Contudo, concordo com Karl Barth que devemos ter sempre a Bíblia numa mão e o jornal na outra. Sigo Juan Luís Segundo em insistir numa interação dialética entre o texto bíblico e o contexto. Desenvolvo a proposta de Robert Schreier de ver a teologia transitando entre o local e o global, entre a contextualização e a catolicidade. Essa catequese dialógica que parte da Bíblia não exclui o estudo da história da igreja, da natureza da igreja e seus ministérios e missão, da teologia ou doutrina cristã, de todos os aspectos da teologia prática, das questões éticas e de todos os assuntos atuais da vida e sociedade para todas as faixas etárias de acordo com seu nível de desenvolvimento.

O que ensinamos da Bíblia? O cerne é a pessoa e a ação do Deus trino de amor na história humana. Na Bíblia, conhecemos a Deus e a humanidade. Na Bíblia, conhecemos a intenção graciosa de Deus de dar a plenitude de vida para todas as criaturas e à criação. A Bíblia ensina-nos os princípios, valores e virtudes que norteiam a plenitude, a vivência e a unidade da fé comprometida e comunitária.

A partir dessas considerações, quero sugerir um conteúdo importante para nossa catequese bíblica missionária, que encontramos em recentes publicações de Leonardo Boff: *Virtudes para um Outro Mundo Possível*, volumes 1, 2, 3 (Vozes, 2005, 2006).

Boff apresenta um novo paradigma de civilização planetária baseada em interdependências e uma visão holística e cósmica (o que vejo em Efésios). Ele inicia seus estudos com a pergunta: “Que virtudes são minimamente necessárias para garantir um rosto humano à globalização?” (v. 1, p. 9). As virtudes abordadas devem se transformar em hábitos e em atmosfera cultural para que surja uma globalização salvadora (esse é o plano missionário de Deus). A primeira virtude é a hospitalidade: direito & dever de todos e todas. Num mundo de “ódio, tensões, amarguras e preconceitos acumulados durante séculos”, como nunca “faz-se urgente a hospitalidade, a mútua acolhida, a abertura generosa, que supõem o despojamento dos conceitos e pre-conceitos” (v. 1, p. 19). Afirmamos nossa comum humanidade. Descartamos o paradigma do inimigo e do confronto e abraçamos o paradigma do hóspede e da aliança, da parceria, das convergências, do cósmico, do mistério de Deus. Aprendemos a viver como “ser comunitário, ser de cooperação, ser de compaixão” (v. 1, p. 65). A hospitalidade “supõe reciprocidade. Ela é um *dever* que todos devem praticar e é um *direito* que todos devem gozar” (v. 1, p. 110). Quem são os grupos que não gozam desse direito em nosso contexto e mundo? Como

fazer o resgate do outro e da outra que é diferente? Será que somos uma igreja, uma comunidade de fé hospitaleira?

No segundo volume, Boff apresenta a virtude da convivência, que abrange o respeito e a tolerância. “A hospitalidade abre a porta e acolhe. A convivência permite sentar juntos, coexistir e intercambiar” (v. 2, p. 9). Ele rejeita modelos de evangelização que representam o evangelho de poder e uma visão imperial da missão e emprega a parábola do bom samaritano para mostrar como conviver com os diferentes mais diferentes, como ver o outro e a outra com a atitude de “compaixão”. Afinal, somos responsáveis por fazer ou não do outro nosso próximo nesse mundo. Quais são os passos rumo à convivência na sociedade hoje? Como convivemos com as diferenças?

Para conviver e cooperar no lar, na escola, na igreja, no emprego e na sociedade e para participar na missão de Deus, é imprescindível o “respeito diante de cada pessoa humana, de outros povos, de suas culturas, tradições e religiões e diante de cada ser” (v. 2, p. 47). Por isso, também há um capítulo no meu livro *Participantes da Graça* sobre o respeito mútuo de todos e todas como sujeitos criados à imagem de Deus apesar das diferenças ou discordâncias. Como falta o respeito pelas pessoas, pela vida e pela natureza em nossa sociedade hoje! Respeito é o reconhecimento do outro/a e de seu valor intrínseco. Estamos educando nossas crianças e jovens no respeito?

Apesar de ter uma visão utópica (como é a do reino de Deus), Boff também reconhece a realidade. Por isso diz: “A convivência, o respeito e o pluralismo inevitável do encontro das culturas no processo de globalização não abolem conflitos e tensões que ocorrem entre pessoas e grupos”. Como lidar com essas diferenças? “Hoje, se impõe, como nunca antes, o espírito de tolerância” (v. 2, p. 75). Ele usa a parábola do trigo e do joio em Mateus 13 para falar que nem tudo vale neste mundo, mas o bem e o mal, a ordem e a desordem estão misturados dentro de cada pessoa e do mundo. Educamos para discernir, fazer distinções, tomar decisões e assumir perspectivas.

Comer e beber juntos, a comensalidade, é a virtude apresentada no terceiro volume. É o sonho da mesa farta que Jesus descreve onde todos e todas sentam e saciam uns aos outros como membros da família humana e não há mais fome. Comendo e bebendo juntos e juntas celebramos a alegria de viver e conviver. Porém, vivemos num mundo onde os alimentos e a água são negócio e a crise alimentar mundial se agrava. Temos que assumir nossa responsabilidade de consumo solidário, cooperação, compaixão, justiça, de combater o consumismo desenfreado e o desperdício de comida e água. A celebração eucarística é uma experiência profunda do cerne da fé e uma oportunidade espiritual, social e pedagógica perene.

O fruto de ensinar e viver a hospitalidade, a convivência, o respeito, a tolerância e a comensalidade é a paz. Viver a cultura da paz num mundo em conflito. A cultura dominante, hoje, de poder e dominação, multiplica conflitos e violência. Temos que aprender a administrar os conflitos e as tensões, usando meios não-conflitivos, como o diálogo, escutando os argumentos dos outros e buscando convergências. Boff aplica cada virtude ao nível pessoal do indivíduo e ao nível

global e planetário. É a visão holística – espiritual, eclesial e cósmica – de Efésios. Há uma carência maior de cada membro da igreja do que paz com Deus, consigo, no lar, na cidade, no mundo?

De que adianta conhecer toda a Bíblia e a teologia sem viver e praticar essas virtudes, que Boff desenvolve de uma forma envolvente? É a fé cristã comprometida e vivida.

### 3. Metodologia

Quando se fala de educação, sempre se trata de conteúdos e de metodologias. Em *Igreja Ensinadora*, sigo a linha libertadora de Paulo Freire. A metodologia é o círculo da ação – reflexão crítica – ação. Como dizem Danilo Streck e Manfredo Wachs, “o método é o conjunto de ações e reflexões da e para uma práxis” (1998, p. 251). Em qualquer situação pedagógica promovemos a interação de reflexão crítica e ação ou prática.

Não resolve estudar, ensinar e pregar a Bíblia, a teologia e a história da igreja sem incluir a prática. Aprendi com Parker Palmer que a prática começa na sala de aula, no lar, no cotidiano, nas atividades e cultos da comunidade de fé, ou seja, pela vivência coerente da fé cristã. Por isso, com minhas atitudes e métodos dentro da sala de aula sempre procuro praticar as “verdades” ou conteúdos que estava ensinando. Para promover a convivência, gosto de arrumar o espaço físico em círculos e procuro incluir todos e todas com respeito. O ecumenismo e a tolerância começam na sala de aula. Procuro praticar e viver os textos que vou pregar e o que estou escrevendo na convivência no lar, que nem sempre é fácil. Acho vital que, em todas as atividades e cultos da igreja, pratiquemos e experimentemos essas virtudes e tudo o que ensinamos e pregamos. Assim as crianças vão aprendendo antes de entrar na sala de aula, e os jovens verão a coerência entre nosso discurso e vivência como comunidade de fé.

Uma pedagogia relacional começa com modelos, relacionamentos e testemunhos. Jesus praticou essa pedagogia em seu relacionamento com os discípulos e as discípulas. Na lista de seus cooperadores e cooperadoras no capítulo 16 de Romanos, Paulo demonstra que também a usou. Os e as líderes e mestres na igreja, como as mães e os pais, ensinam primeiramente através de seu modelo em todo o tempo e em todos os lugares. A fé é transmitida nos relacionamentos e na vivência.

Relacionamentos levam naturalmente a uma pedagogia dialógica e participativa. Vejamos Jesus com a mulher samaritana, que, através do diálogo evangelístico respeitoso, se torna a primeira evangelista em João. Paulo Freire enfatizou a importância do diálogo no ensino e do relacionamento de intercâmbio entre professor/a e aluno/a. Hoje, na missão e na convivência com o pluralismo religioso e cultural no mundo, não há nada mais importante do que o diálogo. Por isso, creio que todas as nossas experiências educacionais têm que ser dialógicas. Até um sermão pode ser dialógico, se deixar mais perguntas e provocações que

levam à reflexão e ao posicionamento do que respostas prontas. Nesse sentido, as parábolas são dialógicas.

Freire escreveu sobre a pedagogia da pergunta. O Mestre Jesus fez um grande número delas. Thomas Groome propõe um método pedagógico baseado em perguntas. É importante sabermos como formular boas perguntas que levem os e as alunas a pensar e a criar. Também precisamos saber como receber, interpretar e responder às perguntas feitas dentro e fora da aula de uma maneira que estimule o diálogo, valorize o/a interrogante e não encerre o assunto. Aprendemos com Jesus que, às vezes, a melhor resposta é outra pergunta.

Uma análise da Bíblia e suas diversas partes, começando com os relatos da criação em Gênesis, passando pelos profetas e profetisas, observando a pedagogia de Jesus e terminando com o Apocalipse, revela uma didática criativa e participativa. O povo brasileiro esmera na criatividade. A igreja deve ser um espaço aberto e democrático onde se pode desenvolver a criatividade e participar livremente. Em *A Palavra Criativa*, Walter Bruggemann apresenta a formação do cânon com seus estilos diversos como um modelo para a educação criativa. No Pentateuco, vê-se a tarefa de conservação, transmissão e manutenção da herança; nos profetas destaca-se a tarefa de questionar, examinar criticamente e refletir contextualmente com criatividade e imaginação; e nos escritos nota-se a tarefa de instrução prática e de abrir-se para as indagações, sentimentos e dúvidas existenciais.

Finalmente, volto para Efésios e sua ênfase que a ação educadora e missionária de Deus e de seu povo sempre se faz “em amor”. Se a nossa pregação, nossa liturgia, nossos sacramentos, nossa catequese, nosso ensino, nossa evangelização, nossa diaconia, nossa ação profética, nossa confraternização, nossa política eclesial, nossa reflexão teológica, nossa ética, enfim, nossa vida não for vivida e praticada em amor, seremos como “o bronze que soa ou como o címbalo que retine” no vazio.

## 5. Propostas para o seu contexto

Creio que numa palestra sobre a educação cristã se espera propostas concretas para o seu contexto educacional. A partir da fundamentação bíblica e teológica, com suas implicações pedagógicas que coloco, quero sugerir os seguintes passos, que vocês podem dar com sua criatividade.

1. Fazer uma avaliação ou diagnóstico de sua situação e das necessidades educacionais de sua comunidade. Não há programas e currículos prontos para todos. Não existem fórmulas mágicas e fixas. Tudo depende de suas necessidades. Somente vocês podem identificar os desafios e as possibilidades de seu contexto e momento histórico.
2. Fixar metas para a ação educativa integral em sua comunidade local de acordo com as necessidades e desafios presentes. Procurem integrar as diferentes gerações e níveis de aprendizagem e os diversos programas e atividades da igreja. Sejam o mais abrangente e também o mais específico

possível. O que pretendem fazer? Onde querem chegar? Cada programa ou iniciativa deve ter metas e objetivos.

3. Estabelecer passos e estratégias para atingir as metas. Faz-se necessário um planejamento sério.

Palestra de Sherron George (PCUSA) para a AG da IPU, Julho de 2008, Vitória/ES.

## Referências

- BOFF, Leonardo. **Civilização Planetária**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BOFF, Leonardo. **Virtudes para um Outro Mundo Possível**. Petrópolis: Vozes. v. I: Hospitalidade: Direito & Dever de todos (2005); v. II: Convivência, Respeito & Tolerância (2006); v. III: Comer & Beber Juntos & Viver em Paz (2006).
- BRUGGEMANN, Walter. **The Creative Word**. Philadelphia: Fortress Press, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia, diálogo e conflito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz: um curso de ecumenismo**. São Paulo: ASTE, 2004.
- GEORGE, Sherron K. **Igreja Ensinadora: Fundamentos Bíblico-Teológicos e Pedagógicos da Educação Cristã**. 2. ed. Campinas: Luz para o Caminho, 2002.
- GEORGE, Sherron K. **Participantes da Graça: Parceria na Missão de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006. (Série Parceria na Missão de Deus).
- GROOME, Thomas H. **Educação Religiosa Cristã**. Trad. Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1985.
- PALMER, Parker. **To know as we are known: a spirituality of education**. San Francisco: Harper, 1983.
- SCHIPANI, Daniel. **El reino de Dios y el ministerio educativo de la iglesia: Fundamentos y principios de educación cristiana**. Miami: Editorial Caribe, 1983.
- SCHREITER, Robert. **The New Catholicity: Theology between the Global and the Local**. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1997.
- STRECK, Danilo e WACHS, Manfredo. "Educação cristã". In: SCHNEIDER-HARPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.
- VOLKMANN, Martin. "Edificação de comunidade". In: SCHNEIDER-HARPRECHT, Christoph (Org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998.